INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA EDUCACÃO

DRAGAME:
OFICINA DE MONTAÇÃO NO CONTEXTO DA UNILA

DANIEL CARDOSO DE LIMA DE MORAES

Foz do Iguaçu/PR
2024

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

DRAGAME:
OFICINA DE MONTAÇÃO NO CONTEXTO DA UNILA

DANIEL CARDOSO DE LIMA DE MORAES

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito final para a obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Educação

Orientador/a: Angela Ferreira

Foz do Iguaçu/PR
2024

DANIEL CARDOSO DE LIMA DE MORAES

DRAGAME:
OFICINA DE MONTAÇÃO NO CONTEXTO DA UNILA

Artigo apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana como requisito final para a conclusão do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Educação.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me Angela Ferreira
UFSC

Profa. Dr. Marcos de Jesus
UNILA

Profa. Dr. Élen Cristiane
UNILA

Foz do Iguaçu, 26 de setembro de 2024.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do/a autor: Daniel Cardoso de Lima de Moraes

Curso: Especialização em Gênero e Diversidade na Educação

	Tipo de Documento
(…..) graduação	(X) artigo
(…..) especialização	(…..) trabalho de conclusão de curso
(…..) mestrado	(…..) monografia
(…..) doutorado	(…..) dissertação
	(…..) tese
	(…..) CD/DVD – obras audiovisuais
	(…..)

Título do trabalho acadêmico: **DRAGAME**: OFICINA DE MONTAÇÃO NO CONTEXTO DA UNILA

Nome do orientador(a): Angela Ferreira Data da Defesa:26/09/2024

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino- Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino- Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons* **Licença 3.0 Unported.**

Foz do Iguaçu, 26 de setembro de 2024.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho a todes aqueles que lutam diariamente para mostrar ao mundo sua existência.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro, lugar agradeço ao meu orientador, Angel Ferreira, não só pela constante orientação da qual resultou esse trabalho, mas sobretudo pelo companheirismo e sua amizade. Também agradeço à banca, ao professor Marcos de Jesus e Élen Cristiane que realizaram apontamentos de extrema importância para a finalização e melhoria deste trabalho. Aos professores que tive o prazer de assistir suas aulas durante o curso, aos vários debates aos sábados de manhã cedo, textos diponibilizados e ao cafezinho que sempre estava disponível a todos. E um agradecimento mais que especial a todos os meus amigos que pude realizar durante o curso, pessoas que quero levar para a vida e compartilhar todos os momentos. Eramos poucos e por isso consigo citar todos aqui, Ana, Kácilla, Lito, Luís, João, Rosa, todos vocês foram de extrema importância para que eu conseguisse finalizar o curso, pelas piadas entre as aulas, sempre abertos aos debates e de carinhosamente sempre buscando crescer nos conhecimentos sobre o tema de gênero e diversidade, assim fica aqui meu muito obrigado.

(Epígrafe – Você nasce pelado e o resto é Drag. – Rupaul, Charles.)

RESUMO

O presente artigo apresenta uma experiência de montação *Drag Queen* com alunos da graduação de Mediação Cultural da Universidade Federal da Integração Latino Americana. Para tanto, apresento um percurso teórico para discutir e conceituar performance e a arte *Drag*, buscando utilizar Schechner (2006) para a discussão sobre performance e Judith Butler (2003) para a discussão das questões de gênero e performatividade de gênero. A presente oficina foi realizada em três momentos, os dois primeiros sendo mais teóricos, com leituras de textos e discussão em sala de aula, e o terceiro com a atividade prática de montação, onde estudantes deveriam se maquiar e colocar adereços para a criação da sua personagem Drag.

Palavras-chave: Drag Queen; Performatividade; Oficina; LGBTI+; Performance;

RESUMEN

Este artículo presenta una experiencia de producción Drag Queen con estudiantes de la carrera de Mediación Cultural de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana. Con este fin, presento un camino teórico para discutir y conceptualizar el performance y el arte *Drag*, buscando utilizar a Schechner (2006) para discutir el performance y a Judith Butler (2003) para discutir cuestiones de género y performatividad de género. Este taller se desarrolló en tres momentos, siendo los dos primeros más teóricos, con lecturas de textos y discusión en el aula, y el tercero con la actividad práctica de *"montação",* donde los estudiantes debían maquillarse y ponerse atrezzo para crear su propio personaje Drag.

Palabras clave: Drag Queen; Performatividad; Taller; LGBTI+; Performance;

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1-Título: Tabela do papel das mulheres.....17

Imagem 2-Título: Quadrado semiótico do Gênero..... 19

Imagem 3-Título: Drag Queen Victoria sin em Performance.....20

Imagem 4-Título: Drag King Landon Sider.....20

Imagem 5-Título: Casal de Drags Queer..... 21

Imagem 6-Título: Uhura e Sarita LGBTI+ em São Paulo..... 21

Imagem 7-Título: Cartaz oficina *Drag* me..... 24

Imagem 8-Título: Aula teórica com estudantes.....25

Imagem 9-Título: Mesa com maquiagens..... 26

Imagem 10-Título: Estudante antes da Oficina..... 27

Imagem 11-Título: Estudante antes da Oficina..... 28

Imagem 12-Título: Estudante antes da Oficina..... 28

Imagem 13-Título: Realização da oficina.....29

Imagem 14-Título: Momento de interação entre estudantes.....29

Imagem 15-Título: Momento de interação entre estudantes.....30

Imagem 16-Título: Imagem n 16: Estudante em Drag..... 30

Imagem 17-Título: Estudantes se organizando para tirar fotos..... 31

Imagem 18-Título: Estudante em *Drag king*.....31

Imagem 19-Título: Aluna em Performance..... 32

Imagem 20-Título: Performance entre alunos..... 32

SUMÁRIO

Introdução..... 12
Teorizando o babado..... 15
Aquendando na prática..... 24
Desmontando, pensando e as considerações finais..... 33
Referências..... 34

Introdução

O título do trabalho já começa a discussão sobre o que pretendo pensar, a palavra Dragame vem da junção de Drag e me, Drag enquanto processo de montação e criação artística sobre um corpo, e o me o pronome obliquo que indica uma ação realizada na primeira pessoa do singular, ou seja, o processo de montação realizada na pessoa que fala. No entanto, com a união das duas palavras uma nova é criada, Dragame, que lembra o verbo Dragar, que segundo o dicionário Aurélio significa: “limpar ou desobstruir com draga”, fazendo referência a limpeza de rios e mares. Mas gostaria de pensar um pouco o sobre o significado de engolir que Dragar também pode ser associado, então o processo de dragar algo para transformar e depois expelir algo diferente do que foi engolido é o que gostaria fazer como pensamento transversal sobre o trabalho.

O processo de montação de uma identidade é subjetivo e as experiências que constroem um ser humano são variadas e estão em constante mudança. Pensando em como a todo momento nos estamos experimentando coisas e vestimentas e jeitos de ser, e mudando nossa perspectiva de mundo e crescendo, este é o propósito que o Dragar aqui vai significar, uma síntese de experiências sobre o corpo, a colocação de outras vestimentas, maquiagens e uma mudança para uma nova perspectiva do ser que podemos nos tornar.

Devido à persistente imposição de normas de gênero que os órgãos da sociedade impõe sobre os corpos dos indivíduos, é inegável que a exploração de experiências envolvendo o brincar com os gêneros e o corpo, tanto pela adoção de adereços e vestimentas que possuem outros significados, como a experiência de performar outros gêneros, é frequentemente desencorajada na vida das pessoas, exceto no carnaval. Portanto, a busca por uma experiência de "montação" que envolve a experimentação dessas vestimentas, modo de ser, maquiagens entre outros, em seu próprio corpo, não apenas permite uma perspectiva alternativa do eu, mas também proporciona uma visão singular de alguém que representa o "outro", dando lugar a um processo de alteridade.

A arte da montação *Drag Queen* pretende desafiar precisamente as normas estabelecidas em relação às roupas, comportamento e atitudes associadas à cis-heteronormatividade. Sua finalidade é demonstrar que essas convenções são

construções sociais, desvinculadas de questões essenciais de gênero ou orientação sexual, em outras palavras, biológicos do ser humano.

É inegável que as roupas, comportamentos, expressão de sentimentos, entre outros, carregam significados que estão intrinsecamente ligados às questões de gênero e sexualidade. Por exemplo, saias e vestidos historicamente foram associados à feminilidade no ocidente europeu moderno, e embora tenham ocorrido mudanças significativas no entendimento dos significados dessas roupas em relação ao gênero na atualidade, esses estereótipos de vestimenta ainda persistem de maneira significativa na sociedade contemporânea, às vezes de maneira mais velada e subentendida, e outras vezes mais explícito, como no caso do "menino veste azul e menina veste rosa".

Dentre as atividades que fizeram parte da especialização, tínhamos a elaboração e aplicação de um projeto de intervenção. Tivemos algumas aulas e leituras sobre a elaboração de projetos, para entender melhor como os elaborar, e cada um buscava apresentar sua proposta dentro das temáticas que possuíam experiências e nas leituras. Assim, pensei em realizar uma intervenção que envolve a montação *Drag Queen* e aplicaria em algum lugar da cidade de Foz do Iguaçu em 2023, tempo estipulado pela especialização.

A partir desse entendimento sobre as formas de imposição sobre os corpos e considerando as brincadeiras de experiências que a arte *Drag* proporciona, foi realizada uma oficina envolvendo a montação para estudantes da graduação de mediação cultural na Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila) em 2024. Este artigo visa refletir a partir dessa experiência, sobre como instrumentos de alteração corporal, como maquiagem, perucas, roupas, truques com enchimento, entre outros, oferecem uma oportunidade de questionar as convenções relacionadas a gênero, sexualidade e identidade. Esses recursos podem ser empregados como meios para desafiar e repensar as normas estabelecidas nessas áreas de gênero e sexualidade, também para criar uma nova visão do outro.

A oficina tinha como objetivo reunir indivíduos interessados em adentrar o universo da arte *Drag Queen* e destacar sua importância em Foz do Iguaçu, uma cidade que enfrenta desafios como o fechamento de estabelecimentos noturnos acolhedores para a comunidade LGBTQIAP+, como a Pagu e a Amaranta, que foi substituída pela boate Purple. Além da saída de alguns artistas locais, Yuri Amaral, que agora mora no Paraguai e Jean que agora mora em Curitiba antigas *Drag*

Queens que faziam performances em Foz do Iguaçu, como mostra Matheus Spindula em seu trabalho intitulado: Ligadonas na tomada do cool da madrugada: Drag Queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu (2018).

Diante das questões complexas relacionadas aos papéis sociais e às normas de gênero impostas à sociedade, torna-se essencial explorar novas experiências relacionadas à percepção do próprio corpo e à maneira como as pessoas se enxergam. Nesse contexto, a presente pesquisa se justifica pela busca de dar outras experiências de identidade às pessoas, também a prática da montação visa não apenas a compreensão do "outro", mas também a promoção do acesso à cultura queer e momentos de lazer para a população.

O material bibliográfico parte da discussão sobre a identidade *Drag Queen,* apresentação básica de conceitos. Para essa pesquisa, utilizarei as duas oficinas que realizei, além de apresentar fotos dos estudantes e de suas montações e performances.

O resultado pretendido é conseguir realizar um momento de autoconhecimento para os participantes, a partir do momento em que eles se veem de outras formas e possam encontrar na experiência com maquiagens, vestimentas e outras formas de lidar com o corpo, possíveis novos entendimentos com sua própria identidade.

O presente trabalho se divide em introdução, em um momento teórico, chamado teorizando o babado[1], e um momento prático, em que está localizado o relato da oficina, chamado de aquendando[2] na prática, onde desenvolvo detalhes de como foi à oficina e seus desdobramentos, e após as conclusões.

[1] Babado no pajubá tem vários significados, dependendo da organização da frase, normalmente significa que algo é muito bom, ou segundo Renato Regis Barroso (2017): “acontecimento qualquer, podendo tanto ser bom quanto mau. Pode estar relacionado também a um caso amoroso ou sexual” Além de ser usado como interjeição.

[2] Aquendar segundo o pajubá pode significar esconder o órgão sexual masculino, ou pegar, olhar, utilizado em situações em que precisamos chamar atenção de uma pessoa, segundo Regis Barroso (2017).

1 Teorizando o babado

A palavra *Drag Queen* é comumente associada a uma abreviação usada por Shakespeare, na qual, se supõe que significa "dress as a girl", como afirma Igor Amanajás (2014): "Especula-se também que Shakespeare, ao conceber suas personagens femininas, ao rodapé da página em que descrevia tal papel, marcava-o com a sigla DRAG, dressed as girl (vestido como menina, em tradução livre)" (Amanajás 2014, p 10), pois no teatro da época, por questões patriarcais, não se permita a participação de mulheres nas cenas teatrais, então, todas as cenas eram interpretadas por homens, e quando havia personagens mulheres, os mais jovens eram caracterizados para interpretar as mulheres naquele momento.

Partindo do pressuposto que essa é apenas uma teoria da origem da palavra *Drag Queen*, podemos entender que não é possível definir em momento exato em que o termo *Drag Queen* começou a ser utilizado, e nem definir certos artistas com tal termo, especialmente se esses artistas não se autodenominavam *Drag.* Mas apenas atores encenando um papel específico. Esse conceito também não abrange o todo que o mundo *Drag* está relacionado e inserido na atualidade, onde há outras formas de arte da montação, como *Drag Kings, Drag Queer*, transformistas e tranimal, logo esclareço esses conceitos de forma mais aprofundada.

Segundo Schechner (2006), podemos: "pensar na performance em relação a: ser; fazer; mostrar-se fazendo; explicar ações demonstradas". Segundo o autor, *o ser* estaria ligado à questão filosófica; *o fazer e mostrar-se fazendo* são as ações que praticamos e o explicar ações demonstradas, são os estudos de performance, onde vamos teorizar sobre os conteúdos, buscar significações para determinados atos. É interessante notar como as ações podem ser entendidas como espontâneas e até "naturais", mesmo não sendo, ou mais, direcionadas e artificiais, como em algumas performances artísticas.

Sabendo que essas performances diárias são comportamentos que aprendemos com os nossos pais e pessoas em volta, passados pelo tempo, então há uma temporalidade na performance diferente, ela é incerta e não possui uma origem fixa, Tiago Salgado (2014) escreve:

> O processo performático indica ainda uma temporalidade estendida e dilatada, aberta e cíclica, no sentido de que as ações em curso na vida nunca estariam completas, mas em constante vir a ser, em um constante rearranjo de experiências passadas que novamente podem ser vivenciadas e narradas. (Salgado. 2014, p 6)

É interessante pensar na temporalidade da performance, pois a arte *Drag* também possui uma temporalidade específica, isso porque a *Drag* é um momento na vida da artista. A pessoa tem sua vida fora da montação, vai na padaria, tem seus relacionamentos e emprego, para apenas por um momento, normalmente durante a noite, se transformar em outro ser, e experimentar realizar uma performance diferente para seu público ou quem estiver passando na rua durante seu deslocamento.

Um fator importante sobre a performance artística é que ela se tornou uma importante ferramenta nos movimentos negros, feministas e queer, como afirma Tiago Salgado (2014): "A Performance Art adquire assim um cunho identitário e de resistência entre feministas, gays e negros." (Salgado. 2014, p 9) As pessoas da comunidade LGBTI+ utilizam a arte como escape das opressões e discriminações que são acometidas contra os seus. Por isso, há muitos performers homossexuais, transexuais e mulheres.

Essa discussão me chama atenção, em especial, quando o assunto é identidade, o fato dos atos que hoje nós reproduzimos advém de comportamentos que também foram ensinados as gerações anteriores e se perdem na história, mostra o quão frágil é nossa noção de identidade e realidade dos costumes que temos como naturais, ou simplesmente eternos na história da humanidade.

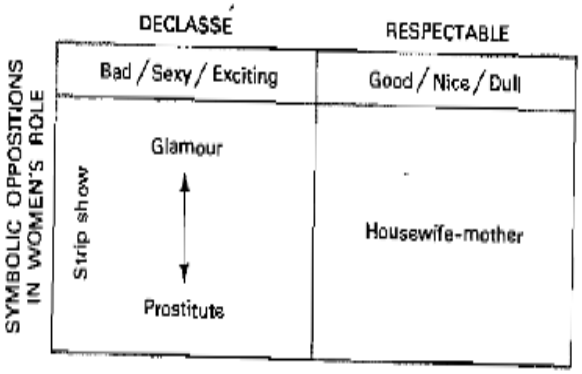
Pensando em como a performance de gênero se alinha na discussão, Judith Butler (2003) vai considerar o gênero como: "um estilo corporal, um "ato", por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde "performativo" sugere uma construção dramática e contingente de sentido". Portanto, o olhar para o gênero partindo de um conceito de performatividade é o que muitos estudos feministas e Queer estão realizando.

A discussão sobre como se dá o gênero e suas performances é longa e muito filosófica, alguns debates na atualidade ocorrem principalmente em relação aos corpos trans e não binários, que buscam fugir do natural e binário. Judith Butler (2003) escreve: "Então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros, nem falsos, mas somente produzidos como efeito da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável." (Butler, 2003. p 195) Assim, podemos compreender melhor como o gênero na realidade é a criação de um discurso sobre uma identidade que também é produzida e congelada, para servir de exemplo, como o maior exemplo de feminilidade, Marilyn Monroe, mas que é mutável a depender do momento histórico e geográfico em que estamos pensando.

Se a performance é um comportamento restaurado, como já citado aqui no artigo, e como afirma Schechner, então a performatividade de gênero também é advinda de lugares sem origem definida, mas que pelo discurso e criação dos conceitos de binarismo de gênero, que seria encaixar todos em uma perspectiva de homem/mulher e macho/fêmea respectivamente, tende a naturalizar o sexo e o gênero, o que gera uma "gênero ideal" ou "gênero natural", esse conceito é interessante para pensar a arte *Drag Queen*, pois essa arte nasce de forma a imitar ou parodiar a "mulher ideal". Butler (2003) afirma: "a noção de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem... assim como a noção psicanalítica da identificação com o gênero é constituída pela fantasia da fantasia." É interessante pensar no papel da mulher, pois muitas *Drags* utilizam esses papéis em suas performances.

A antropóloga Esther Newton em seu livro *"mother camp: female impersonators in america"* (1972) vai dividir o papel das mulheres na sociedade da seguinte forma:

Imagem n 1: O Papel da mulher.



(Newton, 1972, p 57)

Então, existem dois papéis opostos que as mulheres podem seguir, elas podem ser mulheres respeitadas, ou "sem classe". Dentro desse contexto, estão as mulheres boas, legais e chatas, e é composto pelas donas de casa e mães. No lado oposto estão as mulheres más, sexys e excitantes, e são compostas por mulheres glamorosas e prostitutas, todas fazendo parte dos shows de strip, sempre ligados à vulgaridade.

As *Drags* buscam inspiração nessas duas imagens, seja da mulher glamorosa, seja da dona de casa, dependendo do tema escolhido do show ou do estilo de *Drag* da

artista. Em muitos casos, para as feministas, as artistas *Drags* não são bem aceitas, como afirma Butler (2003):

> Na teoria feminista, essas identidades parodísticas tem sido entendidas seja como degradantes das mulheres, no caso drag e do travestismo, seja como uma apropriação acrítica da estereotipia dos papéis sexuais da prática heterossexual, especialmente no caso das identidades lésbicas butch/Femme. (Butler, 2003. P 196)

No entanto, há muitas vezes uma falta de entendimento sobre a arte *Drag*, o que a coloca em conceitos de identidades desviantes, como a bicha/viado, sapatão, pessoas trans, travestis e não binárias, essas identidades são construídas em cima e em oposição a norma, homem/macho/hetero e mulher/fêmea/hetero, são identidades que não buscam de enquadrar na norma, portanto, criam suas próprias regras e possuem tecnologias próprias de modificação de corpos, como os hormônios e o silicone industrial.

Nessa linha de pensamento temos várias outras culturas que possuem diferentes formas de entender o gênero e suas expressões, por exemplo, Adriana Baggio (2020) cita:

> A antropóloga Marilyn Strathern (2006, p. 192) observa que os moradores das sociedades melanésias das Terras Altas "[...] não concebem axiomaticamente as pessoas tendo um sexo único. Ao invés disso, o que se manifesta é uma alternância de condições sexuais, dois modos de constituição de gênero. [...] Uma identidade do mesmo sexo, assim, é efetuada como uma invenção deliberada". (BAGGIO, 2020 P. 232)

Temos assim, várias concepções do que seria sexo e gênero, que são constituídos a partir do histórico e cultural da sociedade, então, a autora tal vai apresentar um quadrado semiótico do gênero, que podemos pensar nos gêneros na atualidade a partir desse quadrado, portanto, temos quatro conceitos que estão nos vértices, masculino, não masculino, feminino e não feminino, e os conceitos entre eles, bigêneros, superfemininas, supermasculinas e agêneras, segue quadro abaixo:

Imagem n 2: Quadrado semiótico do Gênero.

Fonte: Adriana Baggio (2020) O quadrado semiótico do gênero elaborado pela autora.

A autora vai explicar como funciona esse esquema do quadrado semiótico que ela mesma elabora, os primeiros conceitos são os de homem e mulher que ela identifica como canônicos, segundo Adriana Baggio (2020):

> As identidades canônicas homem e mulher também seriam classificadas como bigêneras, tanto porque mesmo pessoas cisgêneras manifestam figuras do gênero oposto ao qual se identificam quanto pela inspiradora concepção dos melanésios: a de que "afirmações de completa masculinidade ou de completa feminilidade são definições transitórias e temporárias de poder" (STRATHERN, 2006, p. 192 Apud BAGGIO, 2020 P. 233)

É interessante pensar os conceitos de homem e mulher sendo como bigêneros, já que no senso comum não temos essa visão, mas fica bem fácil de se entender como é possível chegar nessas divisões, aqui a autora apresenta um conceito bem fixo, do que seria a mulher e homem, é claro que esse conceito é problemático, pois várias questões saem dela, como o machismo, misoginia e as LGBTfobias, mas para tentar entender, vamos seguir com esse pensamento de gêneros fixos.

A arte *Drag* não faz parte do hall de identidades, mas de manifestação artística, qualquer pessoa pode se montar e experimentar uma performance *Drag,* há várias denominações para cada tipo de pessoal e cada tipo de *Drag*, vou falar e dar exemplos dos principais:

Existem as *Drag Queen*, pessoas que buscam imitar um superfeminino, deixo como exemplo Victoria Sin, uma mulher que realiza uma performance entendida como *Drag Queen*, por exagerar o feminino.

Imagem n 3: Drag Queen Victoria Sin em performance.

Fonte: Baggio, 2020: A artista e dragqueen victoria sin, exemplo de superfeminilidade. Fonte: Fraser, J. Female drag queen and artist Victoria Sin performs on 12th May 2018 at Live Art Bistro, Leeds. 12 Mai. 2018. Licença CC BY-SA 4.0. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Victoria_Sin,_Leeds.jpg.

Drag King, usualmente feitos por "mulheres" que vão parodiar um masculino, como por exemplo Landon Sider, *Drag king* que ganhou notoriedade por ser o vencedor do *Dragula*, uma competição de *Drags* baseado em *Drag Race,* mas com viés undergrond e de terror.

Imagem n 4: Drag King Landon Sider.

Landon Sider. Fonte: https://rupaulsdragrace.fandom.com/wiki/Landon_Cider

Em contraponto as duas primeiras, as *Drag Queer* que buscam sair da dicotomia de gênero binário, essas artistas não se encaixam nem no feminino e nem no masculino, tendo como inspiração seres não humanos, de fantasia, como peles coloridas e formatos que se separam do humano.

Imagem n 5: Casal de Drags Queer.

Ginger Moon e Dom Valentini. Fonte: Queer ig: https://queer.ig.com.br/2022-06-12/dia-dos-namorados-casal-drag-ginger-moon-don-valentim.html

O Tranimal como o *Drag Queer*, também tenta se distinguir dos humanos, mas possui como referências Animais, outros seres e até objetos, sua diferença maior são as referências a animais e utilização de outros materiais para as montações, como papel, plástico, canos, objetos reciclados, entre outros.

Imagem n 6: Uhura e Sarita em Parada LGBTI+ em São Paulo.

Fonte: Uhura e Sarita, acesso em: https://www.instagram.com/saritathemonia/

Na arte *Drag* não se busca a perfeição do gênero feminino, porque não existe essa perfeição, ou uma "mulher ideal", no máximo, há criações sobre esse feminino, como a Marilyn Monroe, criada e congelada, a diferença é que a *Drag* está em constante movimento e acompanha os movimentos sociais, com maior presença na comunidade LGBTQI+ e as tecnologias, assim como o avançar dos entretenimentos e meios de comunicação.

A *Drag* é uma arte que está no *entre,* brinca com a montação dos corpos e gênero das performers, e como é possível modificar o corpo com truques de maquiagens e adereços, para a criação de uma outra persona, Butler (2003) afirma:

> A performance do drag brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado. Mas estamos, na verdade, na presença de três dimensões contingentes da corporeidade significante:

> sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero. (Butler, 2003. p 196)

Portanto, a performance *Drag* lida com várias camadas das dimensões de gênero, e busca questionar sobre como a montação sobre um corpo, pode mudar a leitura que outros fazem dele, também sobre como estilos e papéis podem ser desempenhados por qualquer pessoa, sem necessidade de separação por sexo ou gênero.

Algo interessante sobre essa arte é o combinado que há entre o público e o performer, na discussão sobre performance, grande parte da própria performance é a interação com o público, e como essa audiência pode afetar a performance. Segundo Esther Newton (1972): "O que é interessante sobre Drag Queens é que elas não se consideram mulheres, nem sua audiência. Então, se elas são na realidade homens, a façanha é ainda maior quando se parecem lindas mulheres glamorosas." (*tradução nossa*, Newton. 1972, p 57).

Podemos perceber que há um entendimento e combinado entre o público e as artistas, o fato de não ser mulher e performar como uma, ou com uma deveria ser, é o que encanta a plateia, a transformação para o glamour ou para a *Drag* cômica, ou o que a montação pede naquele momento, mas o que seria a montação?

A montação consiste no ato de colocar algo sobre o corpo, sejam roupas, sapatos, óculos. Essas vestimentas com o tempo acabam por adquirir um significado e entram na norma de gênero e sexualidade, segundo Bento Berenice (2017): "O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros" (Bento, 2017 p.246 apud Bentes. 2019, p 25). A arte *Drag* busca brincar com essas estilizações, meus exemplos preferidos são os *Drag Kings*, que performam uma masculinidade forçada de propósito e questionam a masculinidade de muitos homens, que muitas vezes não percebem agir daquela forma forçada.

A arte *Drag* busca questionar a norma sobre vestimentas, acessórios, formas de agir, etc. Essa mudança está ligada à forma com que entendemos os objetos e como eles produzem significados em nosso corpo, segundo Bentes (2019):

> A mudança de função de um objeto/acessório/indumentária e sua mutação em atributo artístico (conversão semiótica) representa o processo de montação. Muitas vezes, esse processo passa por dentro do sistema de gêneros e sexualidades, pois, afinal, tudo entra no redemoinho das identificações. (Bentes. 2019, p 26)

Portanto, essa mudança de função em muitas vezes causa choque e admiração em várias pessoas, por isso, diante de toda uma discussão sobre gêneros e sexualidades, a *Drag* entra com grande ênfase no processo de apresentação de uma comunidade, que ganhou direitos e reconhecimento devido à militância e a governos progressistas, além da mídia perceber nesses artistas uma grande fonte de ganho e investir em mais programas com o formato de *Rupaul's Drag Race*, como academia de *Drags*, caravana das *Drags*, no Brasil; *Las Más Dragas*, do México, e outras franquias do Drag Race em outros Países, como o *Drag Race UK*, do Reino Unido, *Canada's Drag Race,* do Canadá, *Drag Race Tailândia*, na Tailândia entre outros. Mas o que seria o processo de conversão semiótica? Segundo Paes Loureiro (2001. Apud Bentes. 2019):

> A Conversão Semiótica (...) é o processo de mudança de função ou de significação dos fatos da cultura, ressaltando especialmente as artes, quando se dá uma mudança de dominante, re-hierarquizando dialeticamente as outras funções. (LOUREIRO, 2011 apud Bentes. 2019, p 26)

Por isso, essas formas de conversão muitas vezes sofrem ataques, pois buscam uma re-hierarquização das funções colocadas na norma para as pessoas, tentar buscar uma mudança ou mexer na hierarquia, é visto como um ataque às tradições e costumes, o que gera preconceito e leva a essas artistas e pessoas a margem da sociedade.

2 Aquendando na prática

A oficina foi realizada duas vezes, na primeira, dentro do cronograma da pós-graduação em ensino e gênero na diversidade, e, em um segundo momento, como parte do meu estágio docente no mestrado de Literatura Comparada. A primeira oficina foi pensada para as pessoas da comunidade LGBTIA+ interessadas em montação e experimentação com o corpo, ou seja, população em geral, por isso, não havia pensado em uma bibliografia para os participantes, pois não haveria tempo hábil para podermos realizar as leituras e também não haveria forma de realizar uma exposição oral com todos, por isso parti do princípio da conversa informal com os participantes, enquanto estávamos realizando a oficina. Um aspecto que mudou na segunda oficina foi a maior disponibilidade de tempo hábil, assim como, data show e texto impressos e digitais que foram disponibilizados e utilizados, e como estudantes de uma graduação, o diferencial deles é que estavam dispostos e abertos a discussões mais teóricas sobre os assuntos de performance.

O cronograma da primeira oficina estava disposto da seguinte forma: seria realizada em um único dia, na data 04/11/2023, das 18 horas até às 22 horas. Espaço Cultural Quixote, em que haveria uma montação em conjunto com os participantes e performance realizada por todos. Também, a presente oficina se coloca como um evento de abertura para a Marcha e Parada LGBTQIAP+ de Foz do Iguaçu. Segue o cartaz da apresentação:

Imagem n 7: Cartaz da oficina.

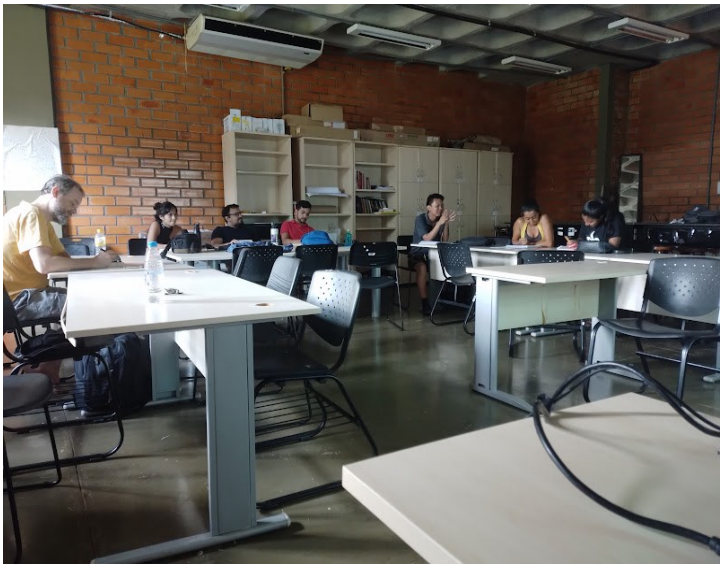
Cartaz oficina Drag me. Fonte: própria.

Na primeira vez em que realizei a oficina, alcançou um baixo número de participantes, o que não me deixou satisfeito com o trabalho que havia desenvolvido. Portanto, resolvi reaplicar a oficina com algumas mudanças para a

área acadêmica, primeiro apresentei meu projeto para o professor Fábio Salvatti, que naquele semestre iria ministrar a disciplina Performance, no curso de mediação cultural da Unila, e após algumas conversas chegamos no seguinte modelo de aulas.

O plano de trabalho com as atividades a serem desenvolvidas foi: participar nas aulas de performance como ouvinte, realizar as leituras e os trabalhos com o corpo exigidos pelo professor; as aulas ministradas pela oficina seriam divididas em três momentos: no primeiro dia, aula expositiva sobre gênero, performance e performatividade de gênero, baseada, nos textos de Jaqueline de Jesus (2012) e Judith Butler (2003), que foram disponibilizados anteriormente via Sistema integrado de gestão de atividades acadêmicas (Sigaa), e discussão com estudantes sobre questões de feminismo, gênero, expressão de gênero, sexualidade, comunidade LGBTI+, e o que surgir de dúvidas dos estudantes.

Imagem n 8: Aula teórica com estudantes.



Fonte: Própria

Para a segunda aula, preparei uma apresentação sobre a arte *Drag*, na qual trabalhei questões de maquiagem, construção da *Drag* como personagem, enchimento para o corpo, perucas, sugestões de performance, e uma atividade, na qual, cada estudante buscava criar uma persona *Drag,* pensando em um nome, características de sua *Drag,* o conceito, a maquiagem e o tipo de performance que estaria enquadrada. Cada estudante fez a sua ficha e apresentou para a sala, para sugestões minhas e do professor Fábio Salvitti[3]. Também utilizamos o acervo da Unila para pegar roupas, sapatos e adereços para os estudantes.

[3] Artista e Professor da Área de Artes do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino Americana. Foi professor do Departamento de Artes da

Na terceira aula, aconteceu a oficina de montação em si. Estudantes, da disciplina de performance colocaram em prática o que havia sido passado, com minha orientação e supervisão começamos a preparação da maquiagem, colando a sobrancelha de todos, também definindo que tipo de referência iríamos fazer para cada aluno.

Imagem n 9: mesa com materiais.

Fonte: própria

No primeiro dia, tivemos a aula expositiva, comecei fazendo uma introdução sobre o assunto, perguntando se cada pessoa tinham algum conhecimento básico sobre os assuntos de feminismo, estudos de gênero e queer, no entanto, os alunos tinham conhecimento mais vinculado no senso comum sobre o assunto, falas como: "o feminismo é a luta das mulheres por igualdade" e "o gênero é cultural e o sexo é biológico", que são algumas questões que hoje nas discussões, em especial de Judith Butler (2003), são entendidas de outras formas.

Os estudantes nesse dia estavam um pouco tímidos e apenas no final começaram a fazer perguntas sobre a temática e tirar dúvidas. Como eu havia participado antes das aulas, já tínhamos alguma intimidade e confiança, o que gerou perguntas interessantes, que provavelmente não seriam esclarecidas em outro

---

Universidade Federal de Santa Catarina (2010-2021). Pós-doutorado em Estudos da Performance no Hemispheric Institute of Performance and Politics / New York University, Estados Unidos (2015). Doutorado em Artes Cênicas na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2010) com estágio de pesquisa (doutorado-sanduíche) na Queen Mary University of London, Reino Unido (2008). Mestrado em Teatro no Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (2004) e Bacharelado em Artes Cênicas na Faculdade de Artes do Paraná (2001).

contexto, infelizmente não tenho como trabalhá-las aqui, e posso tentar trazer um pouco em outro momento de minha pesquisa.

No segundo dia, fomos discutir como se dava a montação em si, que materiais usar, como colar a sobrancelha, de que forma usar a maquiagem para modificar nosso rosto, tanto para deixá-lo com aspecto mais "feminino", quanto "masculino", que tipos de performance as *Drags* mais realizam, quais espumas modificam o corpo e que tipos de *Drags* existem. Nesse dia assistimos alguns vídeos de maquiagens, performances, *Drag Queen* e *Drag king.*

Nesta Ocasião, também fizemos uma ficha da persona *Drag* de cada um para executar na próxima semana. Na ficha constava nome da *Drag*, Tipo de *Drag*, tipos de maquiagem e conceito. As pessoas participantes tiveram um tempo para pensar e preencher em seus cadernos cada item. Após discutimos em conjunto cada ficha, seus nomes, suas inspirações para as montações, que tipo de personalidade e performance sua *Drag* iria ter e realizar e assim fechamos o segundo dia.

No dia da oficina, levei alguns materiais e preparei a mesa. Tiramos algumas fotos dos alunos antes das montações para registrar o processo. O primeiro passo, foi definir junto deles as referências que iriam seguir e se iriam colar a sobrancelha, que, a meu ver, é um dos passos mais difíceis e que exigem mais experiência para executá-lo, e assim começamos a oficina.

Imagem n 10: Estudante antes da Oficina

Fonte: própria

Imagem n 11: Estudante antes da Oficina.

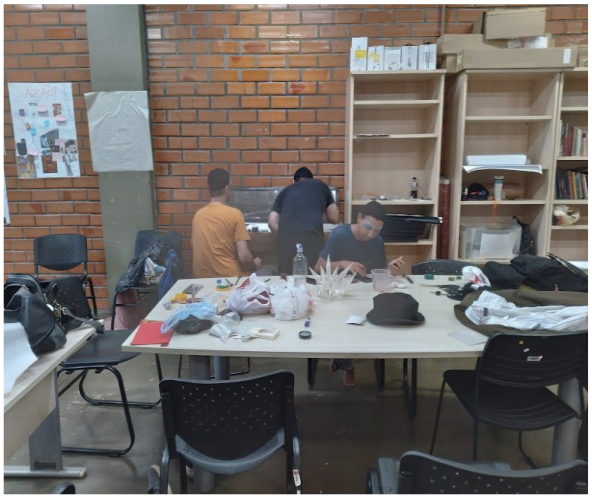
Fonte: própria

Imagem n 12: Estudante antes da Oficina.

Fonte: própria

Primeiro, fizemos os registros antes da oficina para comparar com o final. O processo de montação foi bem caótico e cansativo. A maioria deles não tinha experiência com o trabalho de maquiagem antes, então tive que guiá-los e fazer as partes com maior dificuldade da maquiagem, como delineador e desenhar a nova sobrancelha. Alguns não precisaram de tanta ajuda, tinham muito certo o conceito em sua mente e uma referência para guiá-los. Não maquiei todos, pois fazia parte da avaliação tentar realizar a montação da sua forma.

Imagem n 13: Realização da Oficina.



Fonte: Própria.

Enquanto os alunos realizavam a oficina, eu registrava tudo o que conseguia e dava as orientações necessárias, o professor estava organizando a sala de teatro da Unila, para realizar as performances e a sessão de fotos, tivemos alguns problemas com a iluminação, já que as lâmpadas que estão instaladas na sala não funcionam, portanto, foi preciso realizar alguns improvisos com abajur para tirar as fotos.

Imagem n 14: Momento de interação entre estudantes.

Fonte: própria

Imagem n 15: Momento de interação entre estudantes.

Fonte: própria

Com tudo pronto, partimos para as performances. Como parte da avaliação seria considerada “fotos performances” retiradas pelos alunos como atividade da disciplina, selecionei algumas para apresentar neste artigo. As fotos tiveram direção do professor Fábio Salvatti, com a ajuda de uma bolsista.

Imagem n 16: Estudante em Drag.

Fonte: Própria

Como tirar as fotos fazia parte da avaliação, cada estudante teve a sua vez de ir ao palco, enquanto os outros davam *feedback* sobre as poses e acessório para as fotos. Para este artigo escolhi algumas das várias fotos.

Imagem n 17: Estudantes se organizando para tirar fotos.

Fonte: Própria

Imagem n 18: Estudante em Drag King.

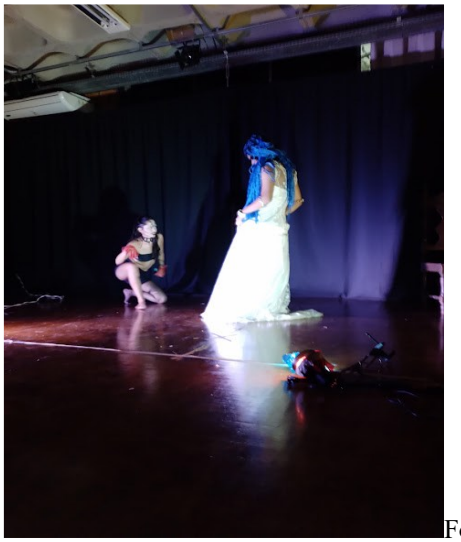
Fonte: Própria

Esse foi um dos mais interessantes, uma aluna que escolheu fazer *Drag King* pegou um terno no acervo da Unila, e com lã ela fez bigodes, pelos no peito e na perna, fizemos algumas dublagens de músicas aleatórias, houve também interação entre os alunos e percebi que eles conseguiram se soltar bastante, alguns mais do que outros, todos eles aceitaram participar da proposta de montação e realizar as performances, o que foi de grande surpresa tanto para o professor da disciplina, quanto para mim.

Imagem n 19: Aluna em Performance.

Fonte: Própria

Imagem n 20: Performance entre alunos.


Fonte: Própria

Aqui dois estudantes realizando performance juntos, um com uma montação de vestido de noiva e outra com referências a Pedro Lemembel, nesse momento foi interessante, pois quando a aluna busca realizar alguns passos de dança e pegar pela cintura o outro aluno, ele tenta sair da posição e é notável seu desconforto com a situação, depois já consegue melhorar na interação com a outra estudante. Depois das performances, finalizamos com uma roda de conversa sobre como se sentiram e como foi a experiência com a montação.

3 Desmontando, pensando e as considerações finais

Após essa experiência fiquei satisfeito com a oficina que em primeiro momento não havia conseguido realizar de maneira completa, os alunos de forma geral gostaram muito da oficina, e o fato de se ver de forma diferente e interagir com o espaço e com as pessoas, em outras vestimentas e em uma espécie de outra persona, contribuiu para questões de identidade e de alteridade.

Os objetivos desse artigo foram discutir a temática da montação *Drag* e o impacto que uma experiência como essa pode ter na trajetória de uma pessoa, sem distinção sexual ou de gênero, a arte *Drag* que questiona esses parâmetros, também pode servir para entender melhor o outro, suas dificuldades e formas de se colocar no mundo.

Também a oficina, sendo uma atividade de intervenção da pós-graduação, busca oferecer uma discussão para a população, que por muitas vezes não tem acesso a atividades como essas, pois está engessada em uma sociedade que não dá outras alternativas de entendimento de si, sem agressão ou punições.

REFERÊNCIAS

AMANAJÁS, Igor. **Drag Queen um percurso histórico pela arte dos atores transformistas**. Revista belas artes: Universidade estadual de campinas, 2014.

BAGGIO, Adriana Tulio. **Operação semiótica da categoria gênero: proposta de um modelo teórico-metodológico1**. Galáxia (São Paulo), [S.L.], n. 45, p. 223-239, dez. 2020. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020347233.

BENTES, Juliano Nascimento. **EKOAOVERÁ: um estudo sobre a territorialidade nos processos identitários das drags demônias**. 2019.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**, Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOS SANTOS, Douglas Henrique Ostruca**. Um transformismo latino: Bartolina Xixa e a insurreição micropolítica.** Revista V! RUS, v. 1, n. 22, 2021.

MAZZEI, Luiz Davi; FERRARI, Anderson. **DRAG QUEENS: PARA ALÉM DA DICOTOMIA MASCULINO/FEMININO**. Revista Gênero, v. 21, n. 2, p. 66-8

PAVÉGLIO, Lucas Barbosa. **Processos de montação identitária: encontros e desencontros configurando as identidades de RuPaul**. 2019.

SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. **Performance.** Disposta, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p. 1-16, jun. 2014.

SCHECHNER, Richard. **What is performance?** In performances Studies: an introduction, second edition. New York e Londres: Routledge. 2006, p 28-51.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A Produção social da identidade e da diferença. Em Identidade e diferença: A Perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11.ed- Petrópolis, RJ: vozes,2012.

SPINDULA, Mateus Garcia. **Ligadonas na tomada do *cool* da madrugada**: Drag Queens e a violência de gênero em sanitários de bares e casas noturnas de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu 2018. Repositório Unila disponível em: https://dspace.unila.edu.br/items/60508083-74d8-4f90-903e-a59190674805

VENCATO, Anna Paula. **"Fervendo com as drags": corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da ilha de Santa Catarina**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Santa Catarina, UFSC, Março de 2002.